Apresentação

Caríssimos irmãos,

Convidando-vos a mergulhar no ambiente capitular, enviamos para todas as comunidades este roteiro de formação que dessa vez terá a intenção de preparar os religiosos para viver o próximo Capítulo Provincial. Pedimos a cada comunidade que possa viver este tempo de preparação se deixando acompanhar pelo conteúdo significativo que contém o roteiro, vivendo-o como um tempo de graça e preparação para tão importante acontecimento para a Provincia.

O roteiro dessa vez inclui a Carta da Comissão preparatória, o texto do Padre Fiorenzo Salvi, sss – "O amor deve ser exagerado" – o dom que nasce da Eucaristia e, ademais, a Oração Capitular junto com as orações do oficio para manhã e tarde que deverão ser inclusas nos momentos de oração comunitária.

Lembramos também que todos os religiosos podem nos enviar sua colaboração com temas que, certamente, serão um valioso aporte para a continuidade dos roteiros formativos, que mantém as comunidades em constante formação, comunhão e oração.

Agradecemos sua disponibilidade!

Equipe dos roteiros

C. 0374

Caros Irmãos,

Ao serviço da nossa província, fomos nomeados integrantes da comissão preparatória do III Capítulo Provincial. Por tal motivo, desde março e hasta maio estaremos lhes enviando documentos e perguntas que servirão de material para a nossa reflexão em preparação deste importante momento congregacional.

Neste mês estamos lhes enviando o texto do Padre Fiorenzo Salvi, sss. Relacionado ao Dom de Si, para a sua leitura e reflexão junto a todos os integrantes do Cenáculo.

Em um primeiro momento, seria importante que o texto fosse lido de maneira atenta e individualmente, refletindo-o pessoalmente. Após ter lido e estudado o texto, pedimos que comunitariamente seja trabalhada e respondida, por escrito, a seguinte pergunta: **Como poderemos atualizar de maneira concreta o Dom de Si no interior de nossos Cenáculos e Missão?**

A resposta deverá ser encaminhada ao E-mail comunicar.curia@sacramentinos.com até o dia 25 de março. Logo nossa equipe realizará uma síntese que será apresentada no Capítulo Provincial e encaminhará os próximos trabalhos a cada comunidade.

Agradecendo a todos a sua participação, enviamos-lhes um fraterno abraço.

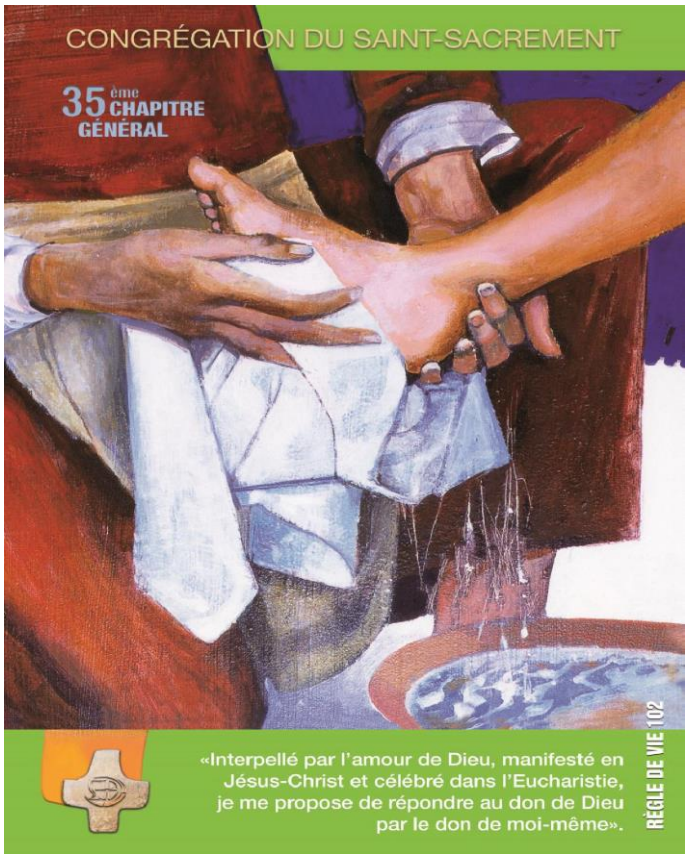
Comissão Preparatória do III Capítulo da Provincia Nossa Senhora de Guadalupe

PE. Andrés Lorenzo Taborda, sss.

Hno. Gilton Ferreira de Holanda, sss.

Buenos Aires, 01 de Marzo de 2018.

Texto P. FIORENZO SALVI, SSS.
“O AMOR DEBE SER EXAGERADO”
O dom que nasce da Eucaristia



CONFERÊNCIA: Reflexão para os participantes do XXXV CAPÍTULO GERAL. Chicago, Illinois (EUA), 4 a 24 de junho de 2017.

Tradução ao português do texto Castelhano: Pe. Jesus Neres de Souza; revisão: Amabile Pierroti, leiga sss.

"O amor tem que ser exagerado. Exagerar é ir além do que é prescrito. Pois bem! O amor deve ser exagerado”.

(PJ Eymard, 31 de outubro de 1867, PR 124)

Estamos no limiar da experiência deste Capítulo Geral, oportunidade importante e marcante para a vida de nossa família.

Neste caminho, devemos olhar para o alto, como o alpinista antes de subir a montanha ou como o atleta antes de entrar na pista. Peçamos a nosso pai, Padre Eymard, que se faça presente em cada um de nós, que nos fale e que nos diga algo que nos possa nutrir e inspirar. Que interceda a Deus por nós e que nos ajude a cumprir nossa missão.

Este trabalho é para ajudar-nos a escutá-lo. Em seguida, continuaremos com a reflexão. (Tempo para um diálogo entre os participantes).

Introdução

O tema desta reflexão é o Dom de Si a partir da experiência do Fundador. Ver como ele pode ser uma força de inspiração também para nós, tendo presente a indicação do CGA 2015[1] e do tema central da reflexão do XXXV Capítulo Geral:

"Da fração do pão: família - Dom de Si – missão".

"Proponho a vocês formar uma pequena família religiosa universal, na qual cada membro, animado pela paixão pela Eucaristia, Sacramento do amor de Deus, seja conduzido, como São Pedro Julião Eymard, ao Dom de Si e a partilhar esta paixão com os irmãos e irmãs leigos para propor ao mundo com audácia e criatividade a vida eucarística".

O XXXV Capítulo Geral ocupa seu lugar na história de nossa família religiosa, fundada em 13 de maio de 1856, mas de maneira especial nesta nova etapa de nossa história inaugurada por ocasião do maior acontecimento

[1] «Que este tema (dom de si) seja a inspiração do próximo capítulo geral».

eclesial do século XX: o Concílio Vaticano II. Seguindo as indicações conciliares, fizemos a renovação solicitada pela Igreja a todos os institutos religiosos: uma autêntica "refundação". A Regra de Vida é fruto desse longo processo durante o qual nos perguntamos: se Padre Eymard estivesse vivo hoje, como escreveria as Constituições? Após a aprovação definitiva (1 de agosto de 1984), o objetivo dos Capítulos Gerais XXIX (1981) - XXX (1987) - XXXI (1993) foi assinalar a nova visão da RV e realçar nossa missão SSS (Projeto - missão) em resposta às necessidades da Igreja e do mundo, para inaugurar um novo estilo de vida fraterna.

A partir do XXXII Capítulo Geral (1999), a atenção focou na Espiritualidade e na reflexão em torno da Espiritualidade Eucarística (recebendo o nome de Espiritualidade Eucarística Renovada).

Qual o motivo? Desde o momento em que os elementos aportados foram assimilados, percebeu-se a necessidade de oferecer uma visão unitária e de harmonizar todas as dimensões de nossa identidade e de nossa missão: vida fraterna, vida orante e de serviço. A espiritualidade desenvolveu-se assim: orientar nossa dimensão servidora, em que a Eucaristia seja a fonte, o centro e o ápice do que somos e do que fazemos e se concretize em uma comunidade de irmãos que conjugue com harmonia as exigências da fraternidade, da oração e do serviço. Os Capítulos XXXIII (2005) e XXXIV (2011) também trabalharam esse aspecto[2].

A reflexão sobre o Dom de Si do Fundador se propõe consolidar a harmonia de vida que a Espiritualidade Eucarística Renovada traçou e caracterizar o que somos e o que fazemos com essa experiência espiritual de nosso Fundador, que deve inspirar nossa missão.

[2] O XXXIV Capítulo Geral (2011) relança a espiritualidade eucarística com a imagem dos discípulos - apóstolos que partem do Cenáculo para retornar ao Cenáculo.

O Dom de Si é o coração da experiência humana e espiritual de Padre Eymard e o dia 21 de março de 1865 adquire força com o voto da personalidade. Esse fato constitui ponto de chegada e ponto de partida; um fruto que amadureceu ao longo da jornada na qual Padre Eymard deixou-se ser conduzido pelo Espírito que marcou os últimos anos de sua vida[3].

O início do Grande Retiro de Roma, que coincide com a festa da Conversão de São Paulo (25 de janeiro), já contém o caminho pelo qual Nosso Senhor o levará durante essa longa experiência (de 25 de janeiro a 30 de março de 1865). Tudo começou com a mesma pergunta que Paulo dirigiu ao Senhor (Cf. Atos 22, 10) e que encontrará sua resposta no Dom de Si mesmo, por amor:

"Senhor, o que queres que eu faça?" Tenho que morrer para mim mesmo. Ou melhor, que eu me entregue totalmente a Nosso Senhor...

(27 de janeiro de 1865, NR 44,4)

Vou tentar oferecer algumas reflexões sobre o Dom de Si em relação à Eucaristia, à Adoração, à vida consagrada e à missão SSS. Tudo isso enfatizando os textos do Retiro de Roma de 1865[4].

1. A Eucaristia e o Dom de Si

"Cada membro, animado pela paixão eucarística, sacramento do amor de Deus, é conduzido, como São Pedro Julião, ao dom total de si mesmo na fração do pão".

[3] Temos diferentes estudos e reflexões sobre o dom de si, que destacam seus diferentes aspectos. D. CAVE A. GUITTON, M. BARBIERO, V. BOUCHARD, Le voeu de la Personnalité. Quatre études. (Etudes sur les origines de la Congrégation du Saint Sacremente, VII, Roma 2001. AA. VV., "Abusque sui proprio", Eymard et le voeu de Personnalité "(Etudes sur les origens des Congretions du Saint Sacrement, IX), Rome 2015.

[4] P.-J. EYMARD, Oeuvres completes, 17 vol., Centro Eucarístico (Ponteranica BG) - Nouvelle Cité (Bruyères. le Châtel), 2008, Vol. V, pp. 250-389.

Chave para a leitura: o mistério pascal

No coração da experiência humana e espiritual de Padre Eymard está o mistério pascal de Jesus, sua morte e ressurreição. Da morte de Jesus, nasce a vida nova. Esta união vital é o fundamento da vida cristã e o coração da celebração da Eucaristia.

Precisamente durante a Última Ceia, Jesus expressa essa união entre sua morte e o mundo novo que nascerá daí e, instituindo a Eucaristia, inaugura a possibilidade concreta de que todos entrem nessa nova vida. A vida nova nasce de sua morte, do que Ele faz de si mesmo. A Eucaristia nos coloca cada vez mais profundamente nesta dinâmica de morte-vida. É isso que chamamos de força transformadora da Eucaristia.

Assim, somente podemos entender a riqueza e a profundidade do Dom de Si do próprio Fundador, à luz do mistério pascal de Jesus, mistério da morte e ressurreição que se atualiza na Eucaristia e nos interpela.

Em 1865, quase no fim de sua vida, Deus o conduziu mais profundamente nesse mistério. O que é abandono de si mesmo, o dom da personalidade, senão participação plena no mistério da cruz? A declaração "vivo, mas não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (Gal 2,20) não é uma bela frase mística, mas a aceitação de uma saída, de uma passagem dolorosa e fecunda que o leva ao abandono completo e confiante em Deus sem qualquer reserva.

O dom que ele faz de si mesmo no voto da personalidade abre uma nova compreensão da vida eucarística e concede uma nova unidade a toda sua existência; podemos chamá-la de uma vida eucarística iluminada pelo Dom de Si.

As meditações de 4 a 6 de março (NR 44,80-83) nos ajudam a delimitar alguns elementos importantes desse momento crucial.

Um centro de vida

Em suas notas pessoais, o próprio Padre Eymard muitas vezes se acusa de estar dissipado, ocupado com muitas coisas, de ter perdido de vista o eixo, o ponto de conexão e síntese de sua vida. Ei-lo, portanto, ocupado em identificar esse centro de vida, um centro dinâmico, um centro de amor onde permanecer.

"O coração do homem precisa de um centro de afeto, de expansão"

(4 de março de 1865, NR 44,80).

Esse centro de vida e de amor é o Cristo, o Cristo da Eucaristia.

Nosso Senhor quer ser o centro da união de seus discípulos, de mim mesmo [...]. Permanece em seu amor. O que é permanecer no amor de Jesus Cristo? É fazê-lo o centro de sua vida. Ora, este centro deve ser a Eucaristia, lá está Jesus.

(4 de março de 1865, NR 44,80)

Esse centro surge para ele naturalmente, uma vez que foi chamado a uma vocação eucarística.

Este centro é muito fácil para mim! Uma vez que vivo em torno da Eucaristia, ela é a ocupação e minha meta de vida. Será mais fácil para mim do que em qualquer outra devoção, pois a Eucaristia é minha graça.

(4 de março de 1865, NR 44.80)

Um centro para estabelecer a união de amor com o Senhor

Não há outro centro para mim senão Jesus Eucarístico. Por quê? Para estabelecer e alimentar a união.

(6 de março de 1865, NR 44,83)

Ele nos atrai incessantemente para ele, como um amante. É uma atração contínua, e é a vida de amor.

(6 de março de 1865, NR 44,83)

Um centro que ilumina cada dimensão de sua vida

Entretanto, é necessário que o Deus Eucarístico seja meu pensamento natural e sobrenatural dominante, meu ponto central, a lei de minha vida.

(5 de março de 1865, NR 44,81)

Padre Eymard reconhece que ele não está ainda nesse centro de forma permanente e estável.

Jesus é o centro de meu coração? Sim, nas dores extraordinárias. Sim, no primeiro momento de reconhecimento no extraordinário. Entretanto, ele não está no ordinário da vida. Não penso, não delibero, não atuo tendo Jesus como o centro de minha vida. Isto é um fato muito triste para mim.

(4 de março de 1865, NR 44.80)

Não é suficiente falar sobre a Eucaristia, pregá-la e dá-la a conhecer aos demais.

Até o momento, ficou para mim a ideia teórica da Eucaristia, nos estudos, nos meios externos de sucesso e não no centro desse amor divino. É por isso que ainda estou agitado. Trabalhei muito com o espírito, com o corpo, minhas práticas externas, mas não de coração, de afeto. Também, meu centro era o espírito, a ciência da Eucaristia, o periférico da Congregação, e não seu centro de vida:

- o centro que deveria ser fácil para mim, visto que tenho a ideia, o conhecimento,
- o centro que é minha graça de estado,
- o centro que deve formar e nutrir as virtudes cristãs e evangélicas, sem ter que procurar em outro lugar,
- o centro que me alimenta, uma vez que é uma atmosfera de luz, de suavidade, de paz.
- É Nosso Senhor.

(5 de março de 1865, NR 44,81)

Esse centro ainda é muito fraco. Essa aspiração em relação a esse centro ainda é fraca, mesclada. Entretanto, habita em mim e eu nela [Jn 6,56].

(6 de março de 1865, NR 44.83).

Uma pergunta: como faço para entrar nesse centro da vida, qual é a condição? O Dom de Si.

Por que Nosso Senhor não é meu centro? Porque não é ainda o ser de meu ser. Porque não o amo bastante. Meu coração está na glória de seu serviço, mas ele não está na complacência do meu coração. O que fazer para chegar a esse centro? Entrar nele! Ficar nele! Atuar neste centro e por este centro divino. Um filho trabalha para seus pais, a esposa para o marido, o anjo para seu Deus, o adorador para Jesus Cristo.

(4 de março de 1865, NR 44,80)

Agora, o horizonte está claro:

No entanto, é necessário, ó servo do Senhor! Que você saia de si mesmo, que possa viver de coração, na bondade de Jesus Eucarístico. É preciso um amor de nobre paixão a Nosso Senhor, uma vez que Ele vive por mim e permanece em mim. Que se eleve tudo ao mesmo tempo, que se dê tudo ao mesmo tempo. Ele viverá por mim porque permanece em mim (Cf. Jo 6.57-58)

(5 de março de 1865, NR 44,81)

Convite para o passo decisivo, que antecipa o 21 de março.

Vamos, ó minha alma! Sai do mundo. Sai de ti mesmo. Abandona-te. Vai para o Deus da Eucaristia. Ele tem uma mansão, ele te ama. Ele quer viver contigo, entregar-se a ti, viver em ti. Sê em Jesus o que foi em sua pessoa divina a natureza humana em sua Encarnação, despojado de sua personalidade. Como posso viver na pessoa de Jesus que viveu não para si, mas para Deus?

Resolução: Renovar meu dom, dom imparcial, entrega. É o Cristo que vive em mim [Ga 2,20], porém é necessário passar pelo sacrifício, o que é mais difícil.

(4 de março de 1865, NR 44.80)

Abandona teu país. Vem. [Apocalipse 22,17]. Eu guiarei minha amada pelo deserto, falarei a seu coração [Ap 2: 16, Vulg. 14]. Assim é o amor profundo; é o Dom de Si mesmo; este é o trabalho de união. O trabalho das raízes está sob a terra, a vida da árvore, dando-lhe sustentação.

Aí está a grande luz de meu retiro, a de compreender esta verdade: "o reino de Deus está no meio de vós" [Lc 17, 21].

(5 de março de 1865, NR 44,82)

O Reino de Deus em nós

Jesus realiza a obra do Pai e isto faz dele o messias, o salvador - o início de um mundo novo reconciliado com Deus. Ele é e vive como o Filho amado do Pai. Deus o amou a tal ponto que lhe confiou tudo. Ele é o Filho porque se entrega totalmente à vontade de seu Pai e compartilha sua vida de doação e amor. Neste sentido, ele mesmo é o reino de Deus, não só porque o anuncia, mas também porque o realiza. E se anuncia é porque o realiza. "O reino de Deus está no meio de vós" (Lc 17, 21). Como o reino se realiza em Jesus? Livremente, Jesus se entregou

totalmente à vontade do Pai. A vontade do Pai se converte em sua vontade, Ele e o Pai tornam-se um. A missão de Jesus é convidar a humanidade a entrar nesse verdadeiro modo de vida: viver como os Filhos de Deus, com ele e nele, através dele. Isto exige conversão, assumir seu estilo de vida, acreditar nele e aderir a ele. "O tempo já se cumpriu: o reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e credes no Evangelho" (Mt 1,15).

Padre Eymard tem compreensão clara de tudo isso. Jesus é um modelo de obediência à vontade de Deus.

Voltei a contemplar Nosso Senhor, sob a absoluta dependência de seu Pai, repetindo fielmente e com amor sua palavra, suas ações, cumprindo perfeitamente suas ordens, sem fazer nada, nem dizer nada dele mesmo. Eu admirei Nosso Senhor em Nazaré, com essa vida totalmente desprendida para o mundo, escondida dos homens, tão simples em si mesma.

No entanto, é essa vida que o Pai prefere entre todas as outras. Prefere seu Filho e nosso Salvador, glorificando-o e santificando-o no silêncio. Sem outras testemunhas além dele. Trabalhando como pobre, coisas simples de tão pouco valor.

E, no entanto, o Pai preferiu Jesus dentre todos os outros. Preferiu seu divino Filho e nosso Salvador, glorificando-o e santificando-o às ocultas, sem outras testemunhas, além dele mesmo, trabalhando na pobreza em coisas de tão pouco valor! Uma vida oculta totalmente consagrada ao Pai, doando a si mesmo. Eis o reino de Deus em nós!

(23 de fevereiro de 1865, NR 44,60)

Daí vem à certeza do que Deus quer cumprir em sua vida, de uma maneira verdadeira, profunda, total e consciente. Qual é o lugar desse encontro, dessa união? É o próprio Cristo.

Qual é o lugar da união com Cristo?

Qual é o lugar desse encontro, dessa união? Onde está a câmara nupcial? É ele mesmo!

Qual é o lugar da união com Jesus Cristo?

Sou eu mesmo. É em Jesus Cristo que nasce a união. Permanecei em mim [Jn 15, 4].

É Jesus Cristo em mim que tem o exercício, a virtude dessa união. Nada mais verdadeiro! Se alguém me ama, guardará minha palavra, e meu Pai o amará, e nós iremos até ele e faremos morada nele [Jo 14.23]. Eu neles e ele em mim, para que sejamos perfeitos na unidade [Jo 17,23].

São Paulo chama nosso corpo de templo do Espírito Santo [1Co 6,19]. Permaneça em nós. Jesus Cristo se doou para que estejamos sempre com Ele [Jo 14,16]. O Espírito Santo. O Reino de Deus está no meio de nós [Lc 17-21]. Toda formosa é a filha do rei em sua morada [Sal 44:44]. Venha seu Reino! [Mt 6,10], isto é: Reina sobre nós. Alma fiel, diz a Imitação de Cristo, portanto, apressa-te a preparar teu coração para o esposo, para que ele se digne habitar em ti [Im. 2,1: 8]. São Paulo: Cristo vive em mim [Gl, 2,20] - em mim, está claro.

(NR 44, 126)

Vejamos como a Eucaristia não é mesmo o "lugar" da união, se nós não formos a ela. Graças à Eucaristia, Jesus nos deu a possibilidade de realizar em nós o Reino de Deus, vivendo como verdadeiros filhos de Deus, amando Deus em nosso próximo com seu amor. Somos o verdadeiro templo em que Deus quer habitar e permanentemente, como um centro de vida e amor graças à Eucaristia.

Nosso Senhor vem sacramentalmente em nós para aí viver espiritualmente. Pelo amor do coração, como o éter fechado em um glóbulo desvanece no estômago sob a

ação do calor natural, Nosso Senhor quer tornar o interior do homem seu verdadeiro templo. A alma dos justos é a sede de Deus, diz São Gregório, para que o homem não tenha dificuldade em ir ao encontro do Senhor Jesus, mas o encontre com facilidade e sempre à sua disposição, como seu professor, seu modelo e sua graça, que recorra dentro de sim mesmo a Jesus. [...]

Esta verdade me surpreende mais do que me exalta. É possível que Deus persiga assim uma alma! Que Ele se ponha a sua disposição, que Ele habite em seu corpo tão vil, numa alma tão miserável e ingrata? E, no entanto, é divinamente certo! Eu creio e agradeço meu Deus. Eu vos adoro!

(23 de março de 1865 NR 44,126)

Um centro de amor

Sabemos muito bem como a palavra "amor" é usada de maneira abusiva. Já o Novo Testamento, para descrever a novidade do amor inaugurada por Jesus, entre as três palavras gregas relacionadas a este termo (Eros - amor entre homem e mulher, Philia - amor de amizade, Ágape - capacidade de amar) escolheu o termo Ágape que, na língua grega, era bastante marginalizado e quase nunca usado. Um novo termo para descrever uma nova visão do amor.

Acima de tudo, é o evangelista João que nos apresenta as características (a teologia do Ágape) desse novo amor. É desse amor que vem a inspiração de Padre Eymard. João apresenta esse amor para nós através de cinco passagens, intimamente ligadas entre si.

1). Deus é amor e foi ele quem nos amou primeiro[5]. 2). Esse amor se manifesta ao máximo, na plenitude em Jesus

[5] "E nós, conhecemos o amor que Deus tem para conosco, cremos nele. Deus é amor (ágape): aquele que permanece no amor permanece em Deus e Deus nele "(1Jn 4,16).

Cristo[6]. 3). O amor de Jesus por seu Pai se encarna em sua vida como filho obediente à vontade do Pai, porque o Pai o ama[7]. A vontade de Jesus anulou-se para dar lugar à vontade de seu Pai; o projeto de seu Pai tornou-se seu projeto e ele considera tudo do ponto de vista de seu Pai. 4). Esse amor se expressa no Dom de Si, que encontra de certa forma, seu ápice em sua morte[8]; na cruz, seu amor é um dom puramente gratuito, sem necessidade de uma recompensa. 5). O amor (Ágape) de Deus em Cristo é a vida e dever do cristão[9]. Compartilhar o amor de Deus com os outros, doar a si mesmo: este é o verdadeiro horizonte e o pleno significado para o homem, que encontra sua liberdade e sua verdade.

O amor de Deus revelado e dado em Cristo agora tem uma presença duradoura: a Eucaristia. Através dela, o dom do Pai é apresentado à humanidade e, ao mesmo tempo, implica aqueles que participam na dinâmica da doação de Cristo, na dinâmica do amor (Ágape) de Deus. Aí está a resposta por que Ágape se tornou um nome da Eucaristia. Por ela, o amor de Deus vem a nós para continuar atuando em nós e através de nós. Uma Eucaristia que não se traduz em amor concretamente praticado torna-se uma experiência inacabada.

Nos escritos de Padre Eymard, o termo amor e o verbo amar aparecem um total de 19 mil vezes. São os mais citados.

---

[6] "Aqui está a forma como o amor de Deus permanece em nós: Deus enviou seu único Filho ao mundo para que possamos viver por ele. Nisto consiste o amor: não que nós tenhamos amado a Deus, mas que ele nos amou por primeiro e enviou seu filho ao mundo para oferecer o sacrifício por nossos pecados."(1 Jo 4,9-10).

[7] "O Pai e eu somos UM" (Jo 10,30); "Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar sua obra" (Jo 4,34).

[8] "Assim conhecemos o amor; Ele, Jesus, deu sua vida por nós "(Jo 3,16).

[9] "Como eu amei você, assim vocês deveis amar uns aos outros. Assim, todos reconhecerão que vocês são meus discípulos: se amais uns aos outros " (Jo 13,34-35).

Padre Eymard chega ao dia 21 de março de 1865 depois de uma série de reflexões sobre o amor. Amor que Deus lhe mostrou ao longo de sua vida, revelado em Jesus e que se perpetua na Eucaristia.

Em 14 de março, inaugura a última parte do itinerário que o conduz ao *Dom de Si*, que ele expressa no voto da personalidade.

Finalmente, depois do deserto, cheguei à montanha do amor! Viagem difícil! Navegação trabalhosa! Aqui estou de pé diante do trono do amor. Bendito seja Deus! Deus Criador – Deus Salvador- Deus que se faz hóspede do homem na Eucaristia. E, depois de ter meditado sobre Deus Criador, Salvador, hóspede do homem na Eucaristia, conclui:

> *"Eu juro, eu vos amo pela minha vida e pela minha morte".*

Imitação de Cristo

"Filho, você ainda não sabe amar com força e sabedoria"! [...] porque, diante de uma pequena contrariedade, abandonas o trabalho, buscando desanimado um consolo. Aquele cujo amor é esclarecido considera menos o dom do que ama que o amor do que doa. O afeto o impressiona mais do que o benefício e prefere seu bem-amado quando recebe algo dele. O que me ama com amor generoso não descansa, está sempre pronto a doar, não colocando a si mesmo acima de seus dons [Im, lib. 3, c. 6: 1, 3, 6-8;]

(14 de março de 1865, NR 44, 102)

Imitação de Cristo

O grito de uma alma ardente de amor chega aos ouvidos do Senhor: Deus meu, amor meu. Tu és todo meu e eu todo teu. Aumenta meu amor para que eu experimente com

o coração quanto é suave amar e mergulhar nesse amor. [Im 3,5: 24-25].

(15 de março de 1865, NR 44, 104)

Levanta-te, minha alma, caminha até Jesus. Ele espera com alegria. Ele irá recebê-la com ternura, pois ele é bom e te ama.

(17 de março de 1865, NR 44,108)

Quem ama dá tudo para obter tudo, possui tudo em todas as coisas porque, acima de todas as coisas, repousa o único ser soberano, aquele que possui todo bem e toda força. (Im 3, c. 5)

(18 de março de 1865 NR 44,111)

Conclusão:

O amor! Esta é minha lei, meu caminho; minha virtude, minha força, minha alegria, minha felicidade, minha vida, minha morte, meu céu. Amém!

(18 de março de 1865, NR 44, 111)

A vida que nasce da morte

O dia anterior ao Dom de Si é marcado pelo sofrimento e pela cruz: "Ofereci as três cruzes de hoje que sufocaram meu coração e partiram minha alma" (20 de março, NR 44, 117). Trata-se da lentidão com a qual avança seu pedido sobre o Cenáculo, o comportamento do Padre de Cuers e as dificuldades pelas quais passam as Servas do Santíssimo Sacramento. Nesta mistura de amor e de cruz, Deus o conduz ao passo decisivo que espera dele.

O amor de Deus por nós é revelado e entra na história do homem através da morte. Delimitar a união entre a morte de Jesus e a realidade do amor não é fácil e, muitas vezes, foi explicada com categorias, que não contribuem

totalmente para a novidade do Evangelho[10]. Jesus não morre por um ideal, mas por obedecer ao Pai. Para Ele, a cruz não é uma opção para afirmação pessoal, mas um despojamento, um fracasso. Ele não morre como um herói por um ideal. Pelo contrário; ele morre para colocar-se a serviço do único ideal, que é a vontade de seu Pai. A obediência ao Pai exige uma negação máxima de si mesmo, um amor fiel até sua morte e morte de cruz (1 Cor 13,3).

Essa obediência não é um fato espontâneo e imediato. É um ponto de chegada que o faz passar pela negação de sua vontade. "Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou" (Jo 4.34, 6.38). A adesão ao Pai passa pela luta contra sua própria vontade, uma luta que o acompanha durante toda sua vida a partir das tentações do deserto, até o começo de sua missão no Getsêmani, "Não minha vontade, mas a Tua" (Lc 22,42), e na Cruz: "Pai, em tuas mãos entrego meu espírito" (Lc 23,46).

Jesus se faz, por amor, o projeto de Deus através da negação de seus projetos e aspirações. É um itinerário para atingir o vazio e a aniquilação (Fl 2,6-11), é um despojamento que passa pelo sofrimento, pelo abandono e pela morte de cruz, a morte mais cruel e violenta, a morte daquele que, humanamente, vê o fracasso de todos seus projetos.

Essa morte é como um "êxodo" que abre a porta para uma nova vida, na "terra" de Deus - "terra" do amor puro - que coincide com o abandono supremo de sua vontade. O segredo e a fecundidade da morte de Jesus estão em seu máximo desapego e, a partir desse desapego pessoal, nasce a ressurreição.

[10] Por exemplo, a categoria da satisfação, de Anselmo de Aosta até o Catecismo de Pio X: o sofrimento e a morte de Jesus são o preço que ele paga ao Pai para resgatar a humanidade pecadora (como um criminoso).

Se o novo homem é aquele que acolhe a vontade do Pai e lhe obedece, nascerá quando a subjetividade humana morrer, primeiro com a morte de seus próprios projetos humanos e, depois, com a morte final, expressão e realização de todas as mortes: "Eu me entrego, Senhor, em tuas mãos" (Lc 23, 46). O evento da Cruz e da morte é um nascimento, uma passagem da morte para a vida.

A Eucaristia é um anúncio desse mistério pascal ("Anunciamos sua morte, proclamamos sua ressurreição..."). Celebra a fidelidade de Jesus que fez de seu projeto o projeto de Deus. Ele nos oferece a possibilidade de compartilhar sua experiência para viver nossa vida com ele, nele e por ele.

21 de março de 1865

Eis-nos em 21 de março. No calendário litúrgico é a festa de São Bento, Fundador da Ordem dos Beneditinos. Padre Eymard reflete sobre os santos, particularmente sobre os Fundadores. Todos passaram pela cruz, sem exceção.

Não há santo algum que não tenha sido crucificado pelo mundo, que Deus não o tenha crucificado de maneira admirável.

Os que mais sofreram foram os Apóstolos e os Fundadores das famílias religiosas.

Fundar é aprofundar a terra de seu coração, esculpir as pedras, triturar, cimentar, transformar, retirar do estado bruto, polir, tirar sua liberdade e até mesmo sua forma.

(21 de março de 1865, NR 44,118)

Isto é o que ele irá viver em sua carne e com seus confrades. Tudo agora converge para sua participação total na cruz de Cristo, para viver uma nova etapa em sua vida. A sua missão como Fundador é cada vez mais unificada com a experiência da cruz de Cristo. Como

aquele que salvou o mundo pela cruz, também ele deve entrar nesse mistério do sofrimento e do amor:

O sofrimento de fundação da construção é que dá solidez e beleza a casa. Quanto mais profundas forem as raízes, mais sólida será a árvore. O sofrimento da mãe traz a alegria do nascimento. “Estáveis mortos e vossa vida está agora escondida com Cristo em Deus”. [Col. 3.3].

(21 de março de 1865, NR 44,118)

Consciente de sua missão como Fundador, diz de si mesmo:

Sofri muito por meus defeitos, mas não sofri pelo amor de Deus e por sua glória. Fui enfermo e não soldado. Também a Sociedade está sempre com fortes dores de parto. Seu espírito não é vigoroso, seus membros não são fortes e unidos, seu crescimento não é positivo. Permanece sobre a água. Vegeta.

(21 de março de 1865, NR 44,118)

Está disponível para qualquer sacrifício necessário, para que essa criatura (a Congregação) possa enraizar. Como Cristo, ela também foi abandonada por todos.

Meu Deus! Aqui estou eu, como Jesus no Jardim das Oliveiras. Quereis que todos me abandonem? Ou que todos me rejeitem? Que ninguém me reconheça? Que seja como uma carga, um estorvo e uma humilhação? Eis-me aqui, Senhor. Queima-me, esculpe-me, despoja-me e humilha-me. Dá-me hoje apenas teu amor com tua graça e amanhã a cruz como prova. Entretanto, que eu seja um humilde servo para ti, que estás presente na Eucaristia.

(21 de março de 1865, NR 44,118)

Deus está prestes a conduzi-lo ao sacrifício, ao Dom de Si por amor. Isto é o que ele faz.

Jesus, no anoitecer de sua vida, quando todos se voltaram contra ele e um dos seus o traiu, em vez de guardar ou retirar seu amor, ele se dá em primeiro lugar na Eucaristia ("Não há maior amor que dar a vida por seus amigos") Jo 15,13.

O “Dom de Si” nasce da Eucaristia

O itinerário espiritual através do qual Deus conduz Padre Eymard é como o trabalho paciente do escultor que, progressivamente, tira a matéria supérflua para fazer surgir uma obra-prima. Padre Eymard - em particular durante esse longo retiro – submeteu-se ao despojamento progressivo, para que Cristo aparecesse com todo seu esplendor. Como Cristo que, após sua encarnação até sua morte na cruz, renuncia a todos seus projetos ou vontades, para fazer apenas a vontade do Pai, a mesma coisa se realiza nele.

Somente através desta perspectiva podemos entender a citação de Gal 2, 20 que encontramos no texto do Dom de Si. Este texto deve ser lido à luz do mistério pascal (morte e ressurreição) porque esta é a chave de leitura "Estou crucificado com Cristo. Vivo, mas já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”. “Porque eu vivo hoje na carne, vivo na fé do Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”.

Entretanto, um último elemento ilumina essa experiência. A passagem pascal pela morte para que Cristo viva nele; esse renascimento, essa transformação, esse êxodo, tudo isso vem graças à Eucaristia (Comunhão). Não podemos esquecer que Padre Eymard fez o voto da personalidade durante a ação de graças da missa (que durava geralmente meia hora). É um momento de união nupcial, de diálogo íntimo com o Senhor, recebido na Comunhão. É esta comunhão de vida que impulsiona Cristo a oferecer sua existência de modo radical, sem nenhuma reserva, compartindo conosco. Jesus o leva a um abandono

espiritual que lhe permite encontrar a verdadeira liberdade. Sendo assim, podemos compreender a importância fundamental da segunda citação bíblica (Jo 6,7) que une a experiência do mistério pascal de Cristo a sua personalidade de reviver em nós, graças à Eucaristia: “Como o Pai que vive me enviou e eu vivo para o Pai, do mesmo modo o que me come viverá por mim”.

O Dom de Si mesmo é fruto da Eucaristia, nasce da comunhão com Cristo e expressa a obra do Espírito que nos transforma no corpo e no sangue de Cristo[11]!

“No final, fiz o voto perpétuo de minha personalidade a Nosso Senhor Jesus Cristo, pela intercessão da Santíssima Virgem e São José, tendo como padroeiro São Bento (dia de sua festa). Nada para mim, como pessoa”. Este era o pedido da graça essencial de Padre Eymard: “Nada para mim, tudo para Deus” (Modelo: a Encarnação do Verbo).

Ora, pelo mistério da Encarnação a humanidade santa de Nosso Senhor foi aniquilada em sua própria pessoa, de tal modo que não buscava nada para si, não tinha mais interesses particulares, não atuava para si, tendo em si outra personalidade, a saber, aquela do Filho de Deus que buscava somente o interesse de seu Pai, a quem sempre escutava. Do mesmo modo, devo aniquilar-me para todos os desejos e interesses próprios e ter apenas os desejos de Cristo que está em mim, a fim de viver para seu Pai.

É para estar assim em mim que ele se dá na Sagrada Comunhão. “Como o Pai que está vivo me enviou e eu vivo pelo Pai, quem me come também viverá por mim” [Jo 6,57].

É como se o Salvador dissesse: enviando-me para a Encarnação, o Pai retirou de mim toda raiz de busca de

[11] "O efeito próprio da Eucaristia é a transformação do homem em Deus: sua divinização" (São Tomás de Aquino, sent. IV, dist 12 q. 2, a.l). "A participação no corpo e sangue de Cristo não tem outra finalidade de que a de transformamos no recebemos." (LG. 26).

mim mesmo, subtraindo de mim a pessoa humana e tornando-me cada vez mais uma pessoa divina, a fim de fazer com que eu viva para ele e não para mim. Na comunhão, eu vivo para o Pai e ele vive em mim.

Enchi tua alma com meus desejos e minha vida consumirá e aniquilará tudo que é próprio de sua humanidade; deste modo serei Eu que viverei em ti. Assim, tu serás totalmente revestido de mim. Tu serás o corpo de meu coração; tua alma, as faculdades ativas de minha alma; teu coração, o receptáculo, o movimento de meu coração. Eu serei a pessoa de tua personalidade, tua personalidade será a vida de minha personalidade em ti. “Já não sou eu que vivo, mas é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20)

(21 de março de 1865, NR 44,119)

Este voto deve ser o maior, o mais santo de todos os demais, porque é voto de meu eu, que assumo livremente; entregar-me por inteiro ao Senhor.

(21 de março de 1865, NR 44, 120)

Esta última passagem nos mostra toda a força dinâmica do Dom de Si, que deve ser continuamente renovado: cada vez que comungamos o corpo e o sangue do Senhor, nós nos envolvemos em sua vida de forma sempre mais adulta e consciente.

Eis aqui, minha alma: Tu serás os membros, as faculdades de Jesus a fim de que Ele viva e aja em tudo para a glória de seu Pai.

(21 de março de 1865, NR 44,120)

Eis o Dom de Si, que se expressa no voto da personalidade e que Padre Eymard chama de: "Meu novo voto”.

(22 de março de 1865, NR 44, 121)

De uma maneira nova, Cristo é agora o centro de vida, centro de amor, fonte e alimento, doando a si mesmo como alimento. É isto que nos leva à Eucaristia.

A vida de santidade do Dom de Si é para todos os cristãos e não exclusividade de uma Congregação Religiosa. A partir da Eucaristia, cada um é chamado a viver o Dom de Si, de acordo com seu próprio estilo de vida.

Se compreenderes bem este pensamento, começarás um novo caminho. Novo não em si mesmo, porque quem conhece Nosso Senhor Jesus Cristo sabe que deve ser perfeito, estar absorvido por Ele. A renúncia não consiste apenas em bens materiais, mas renunciar a si mesmo. Esta é, pois, tua virtude.

(11 de agosto de 1867, PR, 111.2)

2. Adoração e Dom de Si

"Cada membro, animado por uma paixão pela Eucaristia, Sacramento do Amor de Deus".

Todos têm conhecimento da importância que esta forma de adoração ocupa na vida e na espiritualidade de Padre Eymard. Sabemos, também, como foi difícil recuperar o lugar da adoração dentro da nova visão da Eucaristia, no Concílio Vaticano II. A Regra de Vida é fruto do trabalho intenso que nossa Congregação empreendeu na fidelidade ao carisma e às novas exigências da missão[12].

Uma questão decisiva: por que a Adoração Eucarística foi tão importante para Padre Eymard a tal ponto de se tornar um compromisso prioritário?

[12] Nossa congregação teve que confrontar com as grandes questões pós Concilio Vaticano II: Repensando a adoração eucarística com uma nova visão da Eucaristia; repensar o lugar e a importância da adoração na vida dos religiosos e a missão do Instituto. Regra de Vida constitui a resposta a estas grandes questões, na fidelidade à Igreja. A adoração encontrou seu lugar e sua própria fisionomia a partir da celebração.

Uma resposta adaptada às necessidades da época

Em seu tempo, a Adoração Eucarística, especialmente na França, teve uma difusão e um êxito extraordinários. Naquele período, nasceram várias Congregações e Associações dedicadas à Adoração Reparadora.

Nesse contexto, Padre Eymard também estava convencido de que esse fenômeno era um sinal dos tempos, uma resposta às necessidades de sua época. A Adoração Eucarística é um convite aos que creem a reencontrar Jesus Cristo, o centro de sua fé, e para os não crentes, a possibilidade de encontrar Cristo: “Eles sabem que a Eucaristia é uma forma de aproximação. Deus se faz amigo do ser humano” (PG 241.4)[13]. Dito de outra maneira, a Adoração é uma forma de evangelização.

A originalidade de Padre Eymard

Contudo, de onde vem a originalidade e a particularidade de Padre Eymard concernente à Adoração?

Muitos aspectos constituem o índice de sua originalidade, porém o elemento que certamente o caracteriza é o método que ele propõe para a Adoração. Antes de tudo, insiste que a oração, incluindo suas formas mais ricas e variadas, abarque toda a Eucaristia. Uma oração que insira no dinamismo da Celebração, que aprofunde a união com Cristo vivida na comunhão com o ano litúrgico e que assimile as disposições dos personagens do Evangelho: Maria, José, os Magos e a Samaritana. Nesta perspectiva, sua proposta mais original é a oração pelo método dos quatros fins do sacrifício. (Uma linguagem distante de nós).

[13]"O grande mal dos tempos, é não ir a Jesus Cristo como salvador e Deus, se deixa de lado o único fundamento, a única lei a única graça de salvação". "Tenho refletido muitas sempre sobre os remédios para esta indiferença universal que se apodera de uma maneira alarmante de tantos católicos e só encontro uma: a Eucaristia, o amor a Jesus Cristo. A perda de fá vai precedida da perda do amor”(CO 286).

Entretanto, traz nessa proposta de oração uma linha contínua entre celebração, oração e vida: uma oração que leva a viver o Dom de Si em união com Cristo, por Cristo e em Cristo[14].

Todavia, concretamente o que é? Queremos descrever de forma breve e simples o que é essa intuição. A visão e a teologia da Eucaristia de Padre Eymard vêm em sintonia com o Concílio de Trento[15] (século XVI). Em particular, o Concílio de Trento, em resposta aos reformadores que negam a dimensão sacrificial da Missa, afirma que: 1) A oferenda de Jesus na Cruz foi um verdadeiro sacrifício (em sentido bíblico); 2) Em cada celebração da Eucaristia, esse sacrifício revive e se mostra presente, ainda que seja sem derramamento de sangue.

Jesus viveu sua vida na fiel escuta e obediência a Deus e, por sua morte, vivia em abandono no Pai e no perdão, oferecendo o verdadeiro sacrifício que reconcilia o mundo com o Pai. Agora, ressuscitado e sentado à direita do Pai, está intercedendo em nosso favor (Cf. Hb 8,1).

No sacramento da Eucaristia, continua oferecendo ao Pai o mesmo sacrifício com as mesmas atitudes: um sacrifício de louvor (glorifica o Pai e dá graças por seu amor), de expiação (toma sobre si os pecados do mundo) e de intercessão (ora por toda a humanidade).

Estes são os quatro fins do sacrifício de Cristo com as atitudes relativas nas quais ele viveu e que vêm a serem os quatros momentos da Adoração: os dois primeiros (adoração, louvor e ação de graças) são direcionados ao

[14] Fruto de tríduo pregado em Nantes, (cidade francesa) seu método de adoração pelos quatros fins foi publicado 1867 14 (PO 35). Este texto foi bem sucedido sendo publicado em vários idiomas.

[15] A doutrina sobre este aspecto (os fins de sacrifício eucarístico) se encontra no c. 3 da cessão do Concilio de Trento se na sessão XXII foi acolhida e amplamente exposta na encíclica de Pio XII Encíclica Mediator Dei (20 de Novembro 1947).

Pai; os outros dois (reconciliação e intercessão) são direcionados à humanidade[16].

Em que consiste a intuição original de Padre Eymard adotando esta forma de oração? A leitura da presença de Cristo no Sacramento exposto para a adoração através de uma visão dinâmica: O Cristo da Eucaristia (que é adorado) é um Cristo que atua. Propõe participar da mesma oração / ação de Cristo, que Padre Eymard (seguindo a teologia de seu tempo) identifica nos quatros fins e atitudes relativas de seu sacrifício. Este método de oração contempla o amor de Deus por nós em Cristo e, o que é fundamental, leva ao mesmo tempo à ação: apropriar-se das atitudes de Jesus (os quatros fins) até seu Pai (Adoração – louvor e ação de graças) e seus irmãos (reconciliação / intercessão).

Resumindo, podemos dizer que a Intuição (a preocupação) de Padre Eymard é fazer da Adoração Eucarística uma autêntica transformação da vida, apropriando o dom e as atitudes de Cristo até seu Pai e seus irmãos.

Hoje, diríamos: uma oração que propõe novamente uma dinâmica e os elementos da oração eucarística, oração da Igreja por excelência, momento central da Celebração. Uma oração/ação na qual a assembleia - por Cristo, com Cristo e em Cristo - louva e dá graças ao Pai, se oferece e intercede pelo mundo[17].

Se hoje, à luz dos estudos sobre a Oração Eucarística, é justamente a proposta como escola de oração cristã autêntica, Padre Eymard teve de algum modo a intuição, incluindo a visão devocional da Adoração limitada a certos aspectos.

[16] RV número 30: "Nossa resposta a esta presença de Cristo nos faz entrar no dinamismo da Eucaristia, por uma oração de adoração de louvor, de ação de graças, de reconciliação e intercessão, na Igreja e para o mundo. "

[17] "O sentido desta oração é que toda a assembleia dos fiéis se uma a Cristo na confissão dos granes feitos de Deus e na oferta de sacrifício" (Instrução Geral do Missal Romano, 78).

Não se trata para nós de propor novamente a Adoração segundo este método, mas de recorrer à intuição original.

Eis como Padre Eymard formula essa oração nas Constituições de 1864:

Os adoradores durante a Adoração devem aplicar-se a honrar os quatro fins do sacrifício, a saber: Oferecer perpetuamente a Deus Pai por Nosso Senhor Jesus Cristo, um sacrifício de louvor e honra, de amor e de ação de graças, de expiação e súplica para o maior serviço e o maior reino de Jesus Cristo sacramento; pelo soberano pontífice, por todas as Ordens Religiosas, por todos os sacerdotes, pelos chefes das nações, pelo fim de todas as heresias e cismas, para que os judeus vejam a luz, os pagãos adorem seu Salvador; por fim, para que todos amem Nosso Senhor Jesus Cristo e se aproximem de seu Sacramento de vida.

(RR 78,4)

Oração da Igreja

Como a forma de oração é a Regra de Vida, a da Congregação será a forma da Santa Madre Igreja com os exercícios dos quatros fins do sacrifício. [...]

A todos serão recomendados os métodos de oração da Igreja. Para aplicar esta prática, deve-se comentar sobre todas as virtudes que a compõem e as graças preciosas que dela emanam.

(Constituições de 1864, RR 78,10)[18]

[18] "E o que há mais digno, é que o culto solene da santa igreja seu sacramentario que nós aplicamos - por excelência, perfeito em si mesmo. O que temos certeza é que é agradável a Nosso Senhor, porque ele é o culto de sua esposa inspirados pelo Espírito Santo "(27 de Fevereiro de 1865, NR 44,69). "Lembre-se de que não devemos recorder a outras fontes. Adotamos a forma da Igreja no Santo Sacrifício, que deve ser suficiente. As outros não foram feitas para nós e não convêm às nossas necessidades. Se a nossa não é suficiente para nós [é que] não sabemos usa-la. "(10 de agosto de 1867, PR 107,2).

É preciso lembrar que devemos ter nossa forma de Adoração. Não podemos apropriar-nos das formas de outros Institutos. Adoremos com a forma de Adoração da Igreja no santo sacrifício e isto nos basta.

Os outros modos de oração não foram feitos para nós e não convêm a nossas necessidades. Se nossa oração não basta (é por que) não sabemos aproveitá-la. Nós somos como enfermos ou crianças. Sendo assim, o pão dos fortes não pode nos alimentar?

(10 de agosto de 1867, PR 107,2)

Uma oração que manifesta a visão ampla que Padre Eymard tem da Eucaristia:

Retomamos os quatros fins para ter toda a Eucaristia na perfeição de suas dimensões; sendo assim, os religiosos têm o propósito e a graça; isto é muito bom. Queremos a Eucaristia em tudo que ela é e representa para nós; por isso, tomamos os quatro fins do sacrifício para que nossa vida se torne ação concreta. (423,3 PS)[19].

Podemos, então, compreender qual é a maneira de orar proposta por Padre Eymard. É isto que nos interessa – implica toda a existência e nos conduz a assumir o mesmo amor que Cristo tem por seu Pai e seus irmãos. É por isto que esse momento deve transformar toda a vida em um culto em espírito e verdade e nos transformar em verdadeiros adoradores que o Pai busca (Cf. Jo 4:23).

Padre Eymard diz que essa oração é parte da missão e até mesmo que é a forma mais eficaz de missão para nossa ação em Cristo e, ao mesmo tempo e em seu corpo,

[19] "A finalidade desta proposta em nossa pequena sociedade é honrar Nosso Senhor Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento mediante os quatros fins do sacrifício: adoração, Ação de graças. A reparação e súplica, ou missão perpetua de oração. Assim tomamos todo o Santíssimo Sacramento ". (CO 690).

participar de sua missão oferecendo com Ele, por Ele e Nele a glória de seu Pai por ele e por seus irmãos.

Sendo assim, nossa vocação é mais apostólica. Pensamos ser servos inúteis, que o Senhor é o maior dos missionários. Foi Ele que nos enviou... Admiramos seu poder. Ele agradece a seu Pai os benefícios. Foi morto por nossas mãos. E o Pai, ao vê-lo, nos abençoa, pois completou seu reino neste mundo.

(7 de agosto de 1867, PR 99.4)

Uma missão aparentemente oculta, mais fecunda

Recordamos que a vida ativa tem seus encantos. Quando um pregador tem saúde e um público muito assíduo, experimenta as alegrias como uma mãe. Nossa missão é sutil, não vemos os frutos de nosso trabalho. Ficamos felizes em saber que nossa oração, mesmo no silêncio, produziu algo de bom. Aquele que batiza não merece mais a graça do que aquele que foi batizado. Sem oração, a voz dos missionários seria como um sino que soa. [Cf. I Cor 13,1]. O que pode produzir a terra se a chuva não vem para fecundá-la? Nossa vocação de adoradores é muito bonita. Queremos salvar as almas, mas por meio de Jesus Cristo e por sua influência direta.

(7 de agosto de 1867, PR 99.4).

Retiro de Roma

Durante o Retiro de Roma, Padre Eymard se pergunta também sobre isso e abre um caminho no qual a intuição original o leva a viver o tempo da Adoração como um momento do Dom de Si.

Um convite para implicar todo seu ser:

Meditei sobre a Adoração.
Percebi inicialmente que minhas adorações estão totalmente erradas sob dois aspectos: pensamentos muito vagos, adoração de zelo. Não se trata na Adoração, minha alma nem de ser apóstolo, nem de ser superior. É preciso ser simplesmente adorador, isto é, de todo meu ser, de toda minha vida atual e futura, uma homenagem de justiça e de amor a Nosso Senhor Jesus Cristo no Santo Sacramento do Altar, exposto solenemente para *mim*, adorá-lo por mim. Eis o ponto essencial. “Eu te quero, não teus dons”. [Cf. Im 4.8: 3].

(NR 44, 67).

Sendo assim, a Adoração deve tornar-se um estado permanente de vida.

A grande graça de minha meditação foi ver a excelência de nossa vocação, que faz da Adoração uma situação estável, o exercício principal da vida e a própria finalidade da perfeição do estado religioso – fazer por dever e por voto aquilo que no mundo faz livremente e tão raramente. De ser assim a Sociedade de Nosso Senhor, sua guarda divina – de fazer o que faz o céu. Entretanto, meu espírito está totalmente repleto de pensamentos. Minha alma correu demais, quis muito ver o belo, a excelência, em vez de ver o bem do amor *para mim.*

(26 de fevereiro de 1865, NR 44,69)

É necessário, portanto, prestar a Nosso Senhor este culto externo no espírito interno de homenagem de todo meu ser, e também segundo o Espírito e a intenção da Santa Igreja, que quer honrar seu Divino Esposo, seu salvador, através de mim, seu adorador.

(27 de fevereiro de 1865, NR 44,69)

Um estado de vida que se concretiza no abandono total a Nosso Senhor e a sua vontade, renunciando a sua vida no Dom de Si, no voto da personalidade.

É um culto de amor de homenagem ao amor de Nosso Senhor em si mesmo [...]. Ora, como tenho rendido o culto de amor a Nosso Senhor Jesus Cristo, no sacramento da Eucaristia? Não se expõem as relíquias, as relíquias mais veneráveis no altar da exposição. E eu? Poderia aí colocar dois tronos? Nosso Senhor não é suficientemente bom, amável, grande para ter todo meu coração e todo meu serviço de Adoração? Entretanto, ó alma minha! É o fogo da Eucaristia que purifica ou devora, que beatifica ou crucifica.

Por que não a amei bastante? É que não sei fazer uma boa oração, uma verdadeira oração de amor, mas fiz uma Adoração especulativa. Meditei muito, mas não amei bastante, não amei Nosso Senhor, como a mim mesmo.

(27 de fevereiro de 1865, NR 44,69)

No fim de sua vida, uns poucos meses antes de sua morte, conseguiu uma síntese extraordinária numa encruzilhada vital entre Adoração e Dom de Si, que nos mostra claramente as implicações de uma vida inteiramente modelada pela Eucaristia sob todos seus aspectos.

Fazer da Adoração o eixo de minha vida. Preparar mais adoradores como se prepara uma refeição, um discurso solene. A alma dos adoradores: o Dom de Si próprio, a virtude que honra a Eucaristia.

(2 de maio de 1868, NR 45,16)

Conclusão

No retiro que pregou a seus irmãos no ano anterior a sua morte (de 7 a 14 de agosto de 1867), Padre Eymard disse: “Tenho como princípio que a graça da Sociedade é uma

graça de oração e nisso nos devemos distinguir dos demais grupos de religiosos". (PR 114, 1).

Esta forma de oração é a escola privilegiada para conhecer o amor que Deus tem por nós e para assimilá-la cada vez mais até a transformação de toda nossa vida na Eucaristia, dom permanente de si, oferecido por amor.

Esta forma de oração faz parte de nossa missão, não só porque nossas igrejas de Adoração são um sinal da centralidade de Cristo na vida de cada um[20], mas porque aumenta cada vez mais nossa participação na missão de Cristo: "Vivo, mas não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim" (Gl 2:20).

É uma oração "apostólica", porque se baseia na oração de Cristo, louva o mundo e a Igreja e faz suas as necessidades do momento.

O amor por essa forma de Adoração é um sinal claro de vocação eucarística.

Em vossas Adorações, deveis estar contentes. Caso contrário, duvido de vossa vocação.

(12 de agosto de 1867, PR 114,2)

Padre Eymard estava totalmente consciente do cansaço e do trabalho necessário para apropriar-se dessa forma de oração.

Para desfrutar da oração, é necessário rezar. É preciso trabalhá-la, prepará-la. Quereis ser como os israelitas no deserto onde caía o maná e era necessário apenas recolhê-lo? Não, na terra prometida é preciso trabalhar, façamos por onde.

(12 de agosto de 1867, PR 114,2)

[20] "Devemos ser como João Batista, mostrando aos discípulos Nosso Senhor Jesus Cristo que os tornavam discípulos seus." [cf. Jo 3,26] (NR 114,2).

E ele nos encoraja. De fato, sabemos o quão difícil é fazer com que essa oração encontre seu lugar na vida dos religiosos e na missão de nossas comunidades.

3. Dom de Si e vida consagrada

“Uma pequena família religiosa universal na qual cada membro seja animado pela paixão pela Eucaristia, sacramento do amor de Deus”.

A vida de Padre Eymard foi marcada por um grande dom: “A maior graça de minha vida foi uma fé viva no Santíssimo Sacramento desde minha infância" (NR 45.3).

Após sua experiência de alguns anos como sacerdote diocesano, abraça a vida religiosa como marista, para, em seguida, fundar as duas Congregações: a masculina e a feminina.
Entretanto, de forma concreta, como se entrecruzam nesse percurso a vida religiosa e suas exigências, a vida eucarística, de modo especifica a Eucaristia? Não podemos ir por esse caminho toda a vida: limitemo-nos a alguns elementos essenciais que mostram a compreensão que Padre Eymard tem da vida consagrada (ou da vida religiosa)[21]. Evoluiu paralelamente com a descoberta progressiva do ponto central de sua espiritualidade: o Dom de Si.

A vida religiosa como meio

Podemos dizer que a compressão que Padre Eymard tem da vida religiosa é a de seu tempo.
Antes de tudo, o estado de vida consagrada era considerado como um meio para realizar e alcançar de

[21] Cf. M. BARBIERO, Vita Eucarística e vita religiosa in S. Pierre Julien Eymard (1811-868). Dissertatio ad doctoratum in Facultate Theologiæ (apud Institutum Spiritualitatis) Pontificiae Universitatis Gregorianae, Verona 1991.

forma eficaz seu objetivo, a missão de uma Congregação[22] (para a nossa, era o serviço de Adoração e o apostolado eucarístico). Além disso, a vida religiosa era considerada um estado de vida que garantia facilmente a salvação dos religiosos; não por acaso foi chamada de "um estado de perfeição". O grupo de pessoas que seguia esse ideal formava uma nova família, uma família religiosa.

Os textos a seguir demonstram isto:

Para alcançar o objetivo eucarístico, farão os três votos perpétuos, de pobreza, castidade e obediência, acrescentando o voto eucarístico com a finalidade de tornar plenos os votos.

(Constituições antes de 1863, RR 29,1)

Para melhor servir Nosso Senhor Jesus Cristo, na verdade, fazemos duas coisas, por conselho evangélico:

1º nos organizamos em uma vida comunitária;

2º vivemos leis religiosas.

(7 de março de 1865, NR 44,86).

Nosso Senhor Jesus Cristo, em seu Sacramento divino, é o centro da Sociedade. Servi-lo mediante o culto solene da Adoração, dedicar-se a sua glória pelo apostolado eucarístico. Assim deve ser totalmente a vida de um religioso do Santíssimo Sacramento.

(Retiro dos religiosos SSS, 1859-1863, PR 150, 11)

A vocação religiosa, meus irmãos, é a maior graça que Deus pode nos dar neste mundo em sua misericordiosa

[22] Foi assim que nasceram várias congregações do século XIX: um primeiro núcleo está formado por pessoas compostas que se juntaram para compartilhar um projeto, uma obra de caridade, ou educativa ou qualquer outra e logo esse grupo assume os compromissos de vida religiosa com lugar ideal para realizar a missão com a liberdade e devoção que vida religiosa oferece.

bondade. Por ela, nos tornamos uma família íntima da Santa Igreja. “É o nome que se dá em Roma a uma ordem religiosa: a família”.

(A vocação religiosa, PR 142,1)

Aberto a um novo horizonte

Além desta visão que encontramos ao longo da vida de Padre Eymard, podemos perceber a Eucaristia de outra maneira, constatando que não é simplesmente o fim, mas a força modeladora de uma vida totalmente eucarística, intrinsecamente ligada à vida religiosa. Esta visão é certamente a mais rica e interessante para nós e podemos encontrá-la precisamente a partir da experiência central do Dom de Si feita por Padre Eymard, em Roma. Eis esta nova visão. Essa nova perspectiva aparece com muita clareza. A Eucaristia torna-se a estrela-guia.

Segue um texto interessante que mostra a intersecção das duas perspectivas; entretanto, já se impõe mais plenamente a perspectiva eucarística.

A santa Eucaristia é ao mesmo tempo o fim e o meio de perfeição dos membros da Sociedade. Dela brota a graça; toda virtude aí a torna perfeita.

Jesus Cristo, no Santíssimo Sacramento, é o modelo das virtudes e da vida de um religioso. Nesta perspectiva, deve ser humilde, pobre, doce, paciente e criativo.

Deve ser um cordeiro imolado para a glória do Pai e para a salvação do mundo. Roga aí sem cessar por nós, aí continua sua vida interior e oculta.

Este é o Mestre e o modelo sempre vivo e sempre amante do religioso do Santíssimo Sacramento. Viver a vida eucarística de Jesus Cristo, eis sua própria perfeição. [...]

A vida religiosa é a aplicação das virtudes evangélicas a seu fim eucarístico. Surge e deve necessariamente surgir da divina Eucaristia, como a ela deve retornar.

(PR 150,14)

Por amor

É o amor que faz brotar a Eucaristia e do amor vem a forma de praticar suas virtudes. (E não o contrário).

O espírito da Sociedade não pode ser senão um espírito de amor, porque deve viver da divina Eucaristia. Assim, para ser um verdadeiro religioso, cada um de seus membros deve partir do amor para chegar às virtudes, mesmo as mais sublimes, e o amor deve torná-las comuns. Sua missão deve ser inspirada no amor. [...] Ora, com este espírito de amor, um religioso deve ser rapidamente muito virtuoso e o mais feliz dos homens.

(Retiro aos religiosos, 1859-1863, PR 150,15)[23]

Um amor que leva a tudo deixar pelo Senhor, mas que leva também ao Dom de Si.

1. Deixei tudo no mundo: bens, amigos, bem-estar, glória humana, deixei tudo de forma generosa, sem hesitação,

[23] Cf. também este belo texto 149,12:

"O amor de Jesus Cristo é que deve transformar um verdadeiro religioso do Santíssimo Sacramento. O amor deve ser o motivo de todas as suas ações, o centro de sua vida e o fim de todos os seus sacríficos. O amor de Jesus Cristo deve ser sua inspiração. Se pensa com satisfação naquele que ama, se tem esse pensamento ele se transforma num companheiro de sua vida. O amor deve ser a graça. A graça de cada um seguir sua vocação. Uma vocação Eucarística tem como finalidade última o amor. O amor deve ser a regra, uma vez que deve ser soberano no religioso. Todas as virtudes deve estar em Jesus deve estar ao serviço do amor de Jesus Cristo como servidores. Somente os serviço, a provação, bem com a fidelidade, a entrega, a piedade filial, torna-se o fruto natural do amor de um bom servidor, de um bom filho. O religioso do santíssimo sacramento deve praticar uma virtude real: o amor, porém o amor soberano que vive de todas as virtudes, amor humilde, doce, paciente, mortificado e caritativo. Sendo assim, quando tenho que praticar a caridade, a abnegação, a pobreza no terei mais que fazer um ato de amor, mas praticar. É como se eu dissesse: meu Deus eu vos amo de todo meu coração e para demonstra-lo quer fazer este ato de humildade e assim minha vida se implica no amor; deste amor vou a todos pois meu alimento está fortalecido na busca e na pratica desse amor.

despojado. Faço como os discípulos que deixaram tudo para seguir Jesus, que dizia a cada um: “Segue-me. E deixando tudo, incluindo seus pais, o seguiram”. [Cf. Mc 1,20; Lc 5,11].

Entretanto, isto não terminou para mim. Agora é necessário que eu me desapegue de mim mesmo, porque Jesus disse: “Se alguém quer me seguir, que renuncie a si mesmo”. [Mt 26,24].

Em que consiste a negação evangélica? É desapegar-se de sua vida individual para viver a vida de Jesus Cristo, é renunciar a suas próprias ideias, seus gostos, sua maneira de atuar, sua vontade própria, para adquirir a virtude de Jesus: a obediência. A obediência do amor só tem um desejo, uma satisfação, um bem-estar, diz São Paulo: ”Para mim, viver é Cristo”.

Devo cada dia morrer para que repouse sobre mim a força do Cristo (2Cor 12,9).

Ainda é pouco. É necessário que eu me entregue sem condições e que me abandone no Senhor, que me entregue a sua graça, como o barro na mão do oleiro [Cf. Je 33,13]. Para que me renove e me faça ser cada vez melhor e um verdadeiro adorador. É preciso que eu entregue meu espírito, meu coração, meu corpo, minha vida inteira, afim de que Ele me inspire, me forme, me fortaleça e me leve à perfeição e à santidade da Eucaristia. Oh, Senhor Jesus! Vem viver em mim, reinar, governar.

(Retiro aos religiosos, 1859-1863,
PR 150, 22.23)

Isto é o que se expressa em nossa Regra de Vida[24]

[24] "Não podemos viver a Eucaristia sem estar animado pelo Espirito que levou Cristo a da sua vida pelo mundo. Quando anuncio a nova aliança pelo dom de seu corpo e sangue o Senhor se entregou por amor. Associado ao dom que ele nos fez de si mesmo, nós colocamos ao serviço do reino realizadas nas palavras do apóstolo: “*Vivo, porém já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim”. (*RV 4).

O legado de Padre Eymard

A vida consagrada não é outra coisa senão um itinerário que nos configura ao Senhor Jesus, em sua doação total de si mesmo [...] um itinerário que permite apoiar-se progressivamente nos sentimentos de Cristo até seu Pai. Este é o objetivo de que fala a *Vita Consecrata 65*: os candidatos à vida religiosa devem prosseguir tanto no curso de sua formação inicial, bem como os religiosos devem seguir sempre o mesmo objetivo, que é configurar-se a Cristo.

Durante o Retiro de Roma, Padre Eymard sente também o chamado a uma nova maneira de configurar sua vida a Jesus Cristo, sua relação com seu Pai e à doação de sua vida para a salvação do mundo. Em outras palavras, Padre Eymard tem certeza que não basta ser um apóstolo da Eucaristia, mas que Deus o chama para ser uma memória vivente da vida de Cristo, assimilando seus sentimentos e configurando-se a sua doação total. A comunhão com Cristo na Eucaristia o leva a aceitar essa transformação num abandono total e pela doação exclusiva e irreversível dele mesmo.

Aqui estão alguns textos que dão testemunho desta passagem da experiência da Páscoa:

Nosso Senhor me quer completamente a serviço da Eucaristia [...] no final de minha oração, me veio um pensamento muito bonito sobre meu chamado eucarístico. Eu lhe perguntei: Como quer meu serviço? Entendi que o Senhor dizia: “Transforma-te em meu sacramento, como eu fui para meu Pai em minha encarnação e minha vida mortal”. Este pensamento me impressionou vivamente. Agradeci ao bom Mestre. E me entreguei de novo a Ele para ser totalmente Dele e para Ele, como Ele para seu Pai. Sendo assim, como Jesus é para seu Pai na vida divina do Verbo, como era para seu Pai na vida mortal,

como era para seu Pai em sua vida sacramental, assim é que devo ser. Que pensamento bonito! Devo ser para Jesus o que ele foi para seu Pai. Eu nele e Ele em mim [Jo. 17,23]. Como o Pai me amou, também eu vos amei. Permanecei em meu amor [Jo. 15,9]. É Cristo que vive em mim. [Gl 2:20]. Rogo para que eu possa viver esta verdade e entregar-me totalmente a Ele.

(21 de fevereiro, 1865, NR 44,57).

Até aqui, tinha um pensamento intelectual sobre a Eucaristia. Um estudo sobre a Eucaristia de forma externa e não no centro desse amor divino. Exteriormente, tenho uma vida muito agitada, porém meu coração não está centrado na Eucaristia. Minha vida estava focada na fundação da Sociedade e não na Eucaristia, como centro de minha vida, centro que deve ser tão fácil, uma vez que tenho o conhecimento sobre a Eucaristia. Centro que é meu estado de vida. Centro que forma e alimenta as virtudes cristãs e evangélicas sem que eu precise buscar em outra parte. Centro que me alimenta por mim mesmo, uma vez que é uma atmosfera de luz, de suavidade e de paz. É Nosso Senhor.

É necessário que eu saia de mim mesmo, que eu viva do coração, da bondade de Jesus na Eucaristia! É necessário um amor nobre, uma paixão que erga tudo de uma só vez, que doe tudo de uma só vez. Desta forma, ele viverá por mim, porque habita em mim [Cf. Jo 6,37-58].

(5 de março de 1865, NR 44,81).

É preciso que eu esteja unido a Nosso Senhor Jesus Cristo, como ele direcionava por sua pessoa divina a natureza humana, sem perder sua comunhão com o Pai. Para isso, é necessário uma comunhão de vida. É fundamental que minha vida esteja ligada a Deus, como um ramo que está ligado ao sol para dele receber a força. Um sol reparador que traz a sabedoria divina que me faça doar

a mim mesmo. (Apocalipse 22:20) “Doar minha vida é minha única esperança”!

(23 de março de 1865, NR 44,124)

Eis uma nova perspectiva para as exigências da vida religiosa: Cristo que se dá na Eucaristia e que o impulsiona ao dom de si mesmo converte-se no ponto de partida, de inspiração, da graça para viver sua própria consagração, seus votos, sua relação com os irmãos, sua missão, tornando-se ele mesmo “memória viva” dele. “Vivo, mas não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2:20)[25]. Os compromissos e o estilo de vida evangélica que a consagração religiosa exige não são mais apenas um meio para realizar sua missão eucarística, mas o testemunho do modo de vida de Jesus – casto, pobre[26] e obediente - que Ele confiou aos Apóstolos durante sua vida e, sobretudo, na Última Ceia: “Fazei isto em memória de mim”. Pelos dons eucarísticos, Ele lhes confia a memória viva do Dom de Si mesmo ao Pai e ao mundo (corpo doado, sangue derramado). E Ele oferece aos Apóstolos para que eles se tornem – no momento de seu desaparecimento (ascensão) – sua memória no mundo: “Como o Pai que está vivo me enviou e que eu vivo pelo Pai, da mesma forma, aquele que me come ele também viverá por mim” (Jo 6,57).

A Regra de Vida

Tudo isto está muito bem expresso na Regra de Vida, que soube colher este aspecto eucarístico de Padre Eymard, onde se entrecruzam vida consagrada e Dom de Si. É no

[25] "A vida consagrada constitui na verdade uma memória vivente do modo de existência e da ação de Jesus como verbo encarnado em relação ao seu pai e seus irmãos. Ela é a tradição vivente da vida e da mensagem do salvador”. (VC 22).

[26] Durante o Retiro de Roma, Padre Eymard sobre sua vida religiosa e seus votos. Porém o voto que ele desenvolve em primeiro plano e que encontramos em várias meditações é o voto de pobreza que torna também para nós um aspecto muito importante. Aqui estão algumas reflexões: 19 de ferreiro 1865, NR 44,50-54; 9 Março 1865, RN 44, 90, 92-93.

nº 15 (*A profissão religiosa*), no início da terceira parte da Regra (*uma resposta radical*) que apresenta nossa consagração religiosa e os compromissos que dela derivam (castidade, pobreza e obediência) nessa perspectiva eymardiana:

Alimentados por Cristo que se dá totalmente a nós na Eucaristia, expressamos nossa forma de vida na doação de nós mesmos, tal como foi vivida e ensinada por nosso Fundador.

Este aspecto é retomado na fórmula da profissão religiosa (RV 102)

Interpelado pelo amor de Deus manifestado na Eucaristia se propõe responder aos dons de Deus com a doação de si mesmo.

Um dom que precisa ser cada vez renovado através do cumprimento na Celebração da Eucaristia[27] que fizemos de nós mesmos, quando de nossa profissão perpétua.

Para concluir

É a partir do coração, da Eucaristia que os votos, a vida fraterna, o serviço e o testemunho do mundo futuro adquirem um resplendor particular, um resplendor que nos pertence. É o Dom de Si de Padre Eymard e o nosso. Essa perspectiva dá sabor e tom particular à vida consagrada de nossas comunidades, chamadas a dar testemunho da vida que brota da Eucaristia.

Chamados a viver em comunidades eucarísticas, buscamos por nossa vocação e nossa maneira de viver dar testemunho explícito da vida de Cristo que brota da Eucaristia.

(RV 21)

[27] Sobre a relação entre vida religiosa e Eucaristia, cf. F. Salvi, Vita Consecrata de Eucharistia - a vida consagrada vista a partir da Eucaristia, 1 de agosto de 2009, www.curiasss.net.

É isto que Padre Eymard chama de: “vida religiosa eucarística” (NR 44, 69).

4. Dom de Si e missão SSS

"Propor ao mundo com audácia e criatividade a vida na Eucaristia”.

“Missão”.

Quando falamos de nossa missão, o que entendemos por isso, de fato? Podemos ser esclarecidos pela experiência que Padre Eymard viveu no Dom de Si, durante os últimos anos de sua vida?

Anúncio do testemunho

Para cada discípulo de Jesus, não houve nada melhor que tê-lo conhecido e poder anunciá-lo aos outros. Na verdade, do que o mundo mais precisa é do amor de Deus; precisa encontrar Cristo e crer nele. Neste contexto, o mistério eucarístico tem um lugar fundamental. Na Última Ceia, Jesus oferece a possibilidade de cada geração conhecer e encontrar na Eucaristia o amor de Deus para conosco. Os discípulos se convertem em anunciadores e testemunhas do amor de Deus.

Eis, portanto, nossa missão, seguindo os passos de Padre Eymard. “Ele buscou respostas às necessidades de seu tempo e as encontrou no amor de Deus, manifestado de forma especial na doação de Cristo na Eucaristia. Foi subjugado por esse amor e o revelou a seus contemporâneos” (RV 2).

A primeira dimensão de nossa missão é testemunhar essa nova vida com nosso modo de ser[28].

[28] “A primeira mensagem de nossas comunidades é o testemunho da sua vida" (RV 37).

Um processo difícil

Nos últimos anos de sua vida, São Pedro Julião Eymard vê claramente que o destino da Congregação fica ligado à autenticidade de vida, começando por ele mesmo. Esta foi à tomada de consciência em seus últimos retiros pessoal.

Por fim, compreendo, então, que Deus ama mais as atitudes de meu coração e a doação de minha pessoa, bem mais do que aquilo que eu possa fazer exteriormente. Que minhas atitudes são mais eficazes que todo meu apostolado no mundo.

(24 de maio de 1863, NR 42,9)

Em minha ação de graças, entreguei meu amor a Nosso Senhor. Estes dois pensamentos me impactaram:

1. É pelo amor e o amor do Santíssimo Sacramento que Nosso Senhor me atraiu. Eis minha graça.

2. Ele me deu uma missão de amor e de amor ao Santíssimo Sacramento. Como responder a estas duas graças se eu não o amo com um amor absoluto, contínuo e vital? Impossível.

(3 de março de 1865, NR 44,78).

Oh, meu Deus, meu Deus! O que devo pensar de mim? Há 43 anos comungo sempre. Destes tudo que a Eucaristia pode dar de glória, de poder, de graça. Tenho a missão de anunciar vosso admirável Sacramento ao mundo inteiro e lamento que eu ainda não seja um adorador. Não tenho a santidade primeira de meu estado, as virtudes primárias de minha vocação religiosa. Não sois, todavia, minha lei soberana, o centro de meu coração e o fim de minha vida. O que é, pois, necessário para minha alma triunfar? A Eucaristia ou a morte.

(3 de março de 1865, NR 44,79)

O que a Igreja espera de nós é muito mais no âmbito do ser do que do fazer[29].

Eis aqui um aspecto da nossa missão que surgiu da reflexão dos últimos anos sobre a espiritualidade eucarística (renovada).

Os fiéis cristãos necessitam de uma compreensão mais profunda das relações entre a Eucaristia e a vida cotidiana. A espiritualidade eucarística não é somente participação na missa e devoção ao Santíssimo Sacramento. Ela engloba a vida inteira.

(*Sacramentum Caritatis*, 77)

O verdadeiro coração vibrante de nossa família religiosa encontra-se justamente nesta experiência transformadora que é a Eucaristia. Nela, o espírito leva a maturidade a uma configuração progressiva à pessoa de Jesus e nos impulsiona ao Dom de Si, até que busque a si próprio. Viver o amor de Deus numa comunidade de irmãos, na construção do corpo de Cristo. Somente a partir dessa experiência profunda, que é obra do Espírito, seremos como Padre Eymard – anunciadores e testemunhas de uma Eucaristia capaz de renovar as pessoas, a Igreja e o mundo. A participação na Páscoa do Senhor nos faz entrar nesse dinamismo de libertação e de configuração a Cristo.

A fecundidade da missão nasce da união com Cristo

As reflexões que seguem o voto da personalidade de 21 de março de 1865 colocam em evidência a origem deste novo modo de ser: da união com Cristo, depois de um abandono total. Somente esta união faz a missão fecundar de todas as formas.

Percebi que todo meu desgosto foi por estar fora de Jesus. Estou em suas criaturas, em seu serviço, no que é material. Fui seu mensageiro, sua sentinela em sua porta, seu

[29] Cf. Sacramentum Caritatis, 81.

oficial, coordenador de seu trabalho. Lamento que, quando Ele me queria com Ele, eu queria ser Marta, enquanto Ele me queria a seus pés, onde somente iria encontrar a paz. Meu conselho, minha força e minhas virtudes estão somente em Jesus.

(23 de maio de 1863, NR 42,8)

Desta união vem o poder do homem. Da mesma forma que o galho não pode dar frutos se não estiver ligado a uma videira, assim vós não podeis dar frutos se não permanecerdes ligados a mim. Sem mim nada podeis fazer [Jo 15,4-5]. A fecundidade da vinha vem de sua união com o tronco; só assim ela dará muitos frutos. Minha fecundidade espiritual deve vir de minha união com Jesus Cristo. *Ego sum Vita* [Jo 14.5]. Da união de meus pensamentos com Seus pensamentos, de minhas palavras com Suas palavras, de meus desejos com Seus desejos e de minhas atitudes com Suas ações.

A vida de meus membros vem do sangue do coração; o sangue- alimento. "Eu sou o pão da vida; quem come deste pão terá a vida eterna" [Jo 6,35; Cf. Jo 6,55].

Eis aí, portanto, o princípio e o centro de meu poder de santidade e sabedoria: a união com Nosso Senhor. Sem esta força, minha santidade torna-se nula. É a videira cortada.

(22 de março de 1865, NR 44, 122)

Faz muito tempo que Nosso Senhor me atrai a esta vida de união, mostrando-me a aridez de minha pessoa, minha nulidade. Nosso Senhor quer ser tudo em minha vida: a ciência de meu espírito e de meu ministério. É, pois, diante de seus pés que devo instruir-me. O que fiz de bom senão meus trabalhos, meus estudos? Nada! Fiz o que todos fazem. Pus tudo a perder, devia deixar tudo para dedicar-

me à Eucaristia. Deixei Nosso Senhor, minha luz primeira, minha sabedoria divina.

(23 de março de 1865, NR 44, 124)

É necessário, pois, que eu esteja unido a Nosso Senhor Jesus Cristo, como Ele estava totalmente voltado a seu Pai. Para isso, devemos estar vinculados em uma união de vida recebida e comunicada. É necessário que este ramo esteja iluminado pelo sol para receber a seiva. Esse sol que atrai a seiva divina é o recolhimento, o desejo, a oração, o Dom de Si. É o amor! Vem, Senhor Jesus! [Ap. 22,20]. Minha vida e minha única esperança!

(23 de março de 1865, NR 44, 124)

A árvore e os frutos

Paulo encontrou uma imagem extraordinária para expressar esta nova realidade: nós, sua comunidade, sua Igreja, seus discípulos e apóstolos, somos seu corpo. De outro modo: somos a encarnação de Cristo na história, somos sua presença para o bem da humanidade, somos suas mãos, seus pés, seu coração. A Igreja não produz na história suas ações e sua presença se não viver como "corpo de Cristo".

A árvore é conhecida por seus frutos e os frutos devem ser os mesmos do Mestre. Jesus estabeleceu as condições para levar seus frutos: eu sou a videira e vós sois os ramos. O que permanece em mim e eu nele, este dá muitos frutos. Fora de mim, nada podeis fazer e os ramos que não produzem frutos, devem ser jogados no fogo. (Jo 15: 5-6).

Os frutos dos ramos totalmente enraizados na videira são o sinal de uma comunidade eucarística autêntica. Prova de identidade; o discípulo-apóstolo não é chamado a recuar para áreas reservadas ou oásis de paz, mas é chamado

para ouvir o grito dos que sofrem, ver as misérias que afligem as pessoas, sentir a mesma compaixão de Cristo e participar com Ele, n'Ele e por Ele (somos "seu corpo") para a construção de um mundo novo, livre do pecado.

Adorar e pregar

Justamente no final de seu retiro, a síntese sobre a missão da Congregação aparece com mais evidência. Não se trata de fazer um contraste entre contemplação e ação, adoração e serviço. As palavras de Padre Eymard sobre o tronco devem ser interpretadas à luz de sua experiência do Dom de Si por amor. A missão da Congregação nasce e se alimenta na relação nupcial com o Senhor, que se entrega na Eucaristia e surge de uma comunhão de vida profunda, de uma união que revela a beleza e a medida de seu amor.

Hoje temos duas grandes missões da milícia: servir e combater. Entretanto, é preciso ter as virtudes dos militares: estar livre de tudo para estar totalmente a serviço do Mestre.

- Que a lei maior seja o serviço.

- Um único desejo, a glória do Senhor.

- Uma satisfação: fazer com que Jesus Eucarístico seja conhecido, amado e adorado.

- Uma ambição: dar sua vida por amor e maior glória da Eucaristia.

Desta forma, nossa parte é a mais bela e atual.

Não se trata de uma verdade de fé a ser defendida, mas a do Rei e da verdade atacada por toda parte.

- Professar uma virtude evangélica, mas uma virtude que seja de serviço ao Nosso Senhor, abandonado no divino Sacramento.

- Combater a grande heresia do século, a indiferença.

- Derreter o gelo que petrifica os corações.

- Anunciar a Eucaristia oportuna e inoportunamente.

- Em toda relação de sociedade, nos atos exteriores, que Nosso Senhor tenha sua parte. Contanto que Cristo seja anunciado, o que me importa? [Cf. Fl 1,18].

A flor tem sua forma, sua cor, seu perfume, sempre os mesmos. No céu, sempre o mesmo canto de glória e amor. Portanto, um adorador apóstolo deve sempre adorar e pregar Jesus Eucarístico.

(29 de março de 1865, NR 44, 136)

Eis uma formulação madura desta visão ampla da missão SSS:

Apostolado eucarístico:

A Sociedade do Santíssimo Sacramento não se contenta em apenas adorar, amar e servir a Deus na Eucaristia, mas tem o cuidado de glorificá-lo, de fazê-lo adorado, amado e servido pelos homens, levando a toda parte um trono de amor e convocando novos adoradores fiéis a Jesus. Assim disse o Mestre: “Eu vim para pôr fogo na terra”. E como gostaria que já estivesse aceso! [Lc 12, 49].

(Retiro sobre a Vocação eucarística, PR 149, 11)

O que Padre Eymard coloca em questão, de modo especial no retiro de Roma, não é o bem que ele faz por sua pregação, sua atenção aos pobres, mas a qualidade e a intensidade de sua união com Cristo. Estas são as verdadeiras condições para que os frutos sejam de Jesus e que sejam bons e não estragados. Para o êxito da Congregação, os frutos dependem da adesão profunda à vinha.

Uma missão específica SSS

Na prática, como se concretiza nossa missão e qual é a característica de nossa contribuição à Igreja e ao mundo? Em outras palavras, em comparação com outras Congregações, o que caracteriza nossa missão como religioso do Santíssimo Sacramento?

Esta questão sempre esteve presente na vida de nossa Congregação, inclusive depois da aprovação da Regra de Vida, com sua nova visão eucarística a partir da Celebração[30]. Há aqui uma questão que afeta de modo particular os mais jovens de nossa Congregação. Há dois extremos a evitar. Pensar que, como a Eucaristia está presente em todos os aspectos da vida da Igreja, isto basta. Como religiosos, temos que fazer com espírito eucarístico. Enquadrar as expressões de nossa missão numa chave de atividades restritas e idênticas para toda a Congregação. Esta segunda maneira de conceber nossa missão específica reflete um modo de atuar bastante divulgado depois da aprovação da Regra de Vida. Estamos diante de uma questão muito séria: se o sal se torna insosso, nos adverte Jesus, "não serve para mais nada e deve ser pisado pelos homens". (Cf. Mt 5:13). 2) O risco de perder sua identidade específica pode acontecer com qualquer Instituto Religioso. Não se trata, antes de tudo, de se preocupar com uma identidade para distinguir-se das demais, mas de responder melhor ao dom recebido de Deus (carisma) e colocá-lo a serviço da Igreja e do mundo. Se existimos como carisma é porque Deus nos chamou e quer que tenhamos uma razão de ser.

Não devemos esquecer que somos uma Congregação (provavelmente a única) que tem a Eucaristia como sua missão. Muitas outras Congregações têm apenas uma

[30] "A celebração do Memorial do Senhor é o centro da nossa vida pessoal e comunitária. É o ponto de partida da nossa compreensão da Eucaristia e inspira a nossa oração e o nosso compromisso " (RV 21).

vertente eucarística: praticam a Adoração, inspiram-se na Eucaristia. Entretanto, nenhuma delas foi fundada tendo a Eucaristia como centro.

O primeiro aspecto ligado a esse desafio é a competência. Se não temos uma competência específica sobre a Eucaristia, será difícil propor uma missão específica. Aqui não se trata apenas de ter um diploma em Teologia, mas é necessário ter uma paixão pela Eucaristia (Padre Eymard fala de uma paixão de amor) que nos leva a querer aprofundar cada vez mais o conhecimento e a experiência desse Sacramento.

O segundo aspecto é tornar claro o âmbito de nossa missão. Exemplo: se a Eucaristia é o coração vibrante da vida da Igreja, somos os cardiologistas. Isto quer dizer que nossa missão é a de atuar de tal modo que esse coração vibrante sempre fique em bom estado e seja fonte e alimento da vida da Igreja. Ampliou-se nossa missão, mas não focada no carisma. Faremos um grande bem à Igreja, porém não cumpriremos nossa missão.

O terceiro aspecto diz respeito à capacidade para identificar formas concretas que nos permitam expressar nossa missão específica. Não nos faltam indicações. Refiro-me de modo particular aos números 33 a 45 da Regra de Vida, principalmente o número 34, no qual se inclui como parte integrante do texto a citação do Estatuto Geral da Congregação (EG 34.02).

Para a aprovação definitiva da Regra de Vida, a Santa Sé insistiu que devia dar indicações mais concretas, mais específicas sobre o centro de nossa missão. Não queríamos apresentar indicações muito fechadas sobre nossa missão, sua amplitude e criatividade. Chegaram a esta conclusão. Este texto (EG 34.02) nos oferece uma série de indicações que poderiam ajudar a imaginar a forma de expressar nossa missão SSS: na fidelidade ao Fundador, à história do Instituto e aos desafios de nosso

tempo. Não podemos esquecer que corresponde à Província em seu conjunto, e não a cada comunidade, definir a variedade de expressões de nossa missão a serviço da Igreja e do mundo (EG 35.01).

No retiro que Padre Eymard pregou a nossos religiosos em agosto de 1867, encontra-se uma passagem interessante e estimulante no que diz respeito a uma reflexão sobre nossa participação na missão da Igreja.

Ide e anunciai o Evangelho a todos os povos [Mt 28:19]. Temos que pregar a Eucaristia, com nosso trabalho, nossos escritos, nossas palavras. Ninguém deveria falar melhor do que nós sobre a Eucaristia. Nós somos os religiosos da Eucaristia. Quem fala melhor de Deus que os evangelistas? Isto não é um título de glória, mas sua profissão. São Paulo dizia: “Ai de mim se eu não anunciar o Evangelho” [Cor 9,16]. Sendo assim, ninguém deve falar mais do que vós sobre a Eucaristia. Não compreenderia se um religioso do Santíssimo Sacramento não colocasse a Eucaristia em primeiro lugar em sua vida. Nosso estado é a Eucaristia! Temos que exercer bem nossa missão.

Se ignorares a Eucaristia, também não irás pregar sobre ela. Os fiéis lamentam e esperam ouvir sobre a Eucaristia. Esperam ouvir uma palavra de vida, palavra verdadeira. Qual o profissional que não fala de sua profissão?
Como afirma São Paulo, não é para querer saber mais que Jesus [I Cor 2.2], mas devemos conhecer bem nossa missão eucarística. Se não for assim, ainda não estamos na plenitude de nossa graça. Vós sois convidados a acender o fogo da Eucaristia, nos quatros cantos da terra.

(10 de agosto de 1867, PR 107,3)

Conclusão

Chegando ao final de seu grande retiro, após fazer o voto da personalidade, Padre Eymard está inteiramente pronto para a total disponibilidade ao abandono.

Nosso Senhor deu-me uma grande graça nesta meditação de adoração; a de doar-me a Ele, não somente em palavras, bem como em poder [ITES 1,5]. Estudei bastante, tenho um grande conhecimento sobre o Sacramento. Agora, é partir para a ação.

(28 de março de 1865, NR 44,133)

Se perguntarmos onde podemos identificar, nos três anos seguintes, os fatos da experiência extraordinária que conduziu São Pedro Julião ao Dom de Si, certamente não encontraremos a resposta a esta pergunta em episódios ou acontecimentos espetaculares.

Recorrendo aos novos escritos e testemunhos desses últimos anos, percebemos que daí emana uma luz que revela uma existência transformadora, que é claramente percebida por aqueles que a encontram. Foram três anos difíceis, marcados pelo sofrimento na cruz. Pensemos na fundação desastrosa de Namur. Do ponto de vista econômico, as duas Congregações sofreram, chegando à beira da falência. Do ponto de vista civil, esteve implicado em processos na Justiça. Do ponto de vista religioso, perdeu a estima dos bispos. Do ponto de vista humano, houve um enorme sofrimento por terem sidos enganados e considerados como fracos de espírito. Precisou suportar a separação de seu primeiro companheiro Padre Raimundo de Cuers que, em junho de 1867, partiu para inaugurar uma espécie de eremitério eucarístico no sul da França. Durante esses anos, Padre Eymard precisava estar à frente da Congregação com todas suas forças, a fim de fortalecer a primeira geração com o carisma do Instituto[31].

Passa por uma prova de fé: vive a experiência da “noite escura”, vive a aridez espiritual da ausência de consolo e

[31] Em uma confidência a Margarida Guillot, em 20 julho 1867, o pai Eymard disse: "você está feliz, na verdade, progrediu mas que nós; quando vejo meus confrades digo ao bom Deus: onde foram busca-los '". (Journal, t. l III, p 130).

escurecimento da presença de Deus: São especialmente dois anos marcados pelo grande teste de fé. "Minha alma está fria. Jesus não faz brilhar sobre mim sua luz. [...] o fundo de meu coração espera por Deus". *De Profundis Clamavi* (Sl 129,1).

(30 de abril de 1868, NR 45,11).

No entanto, embora tenha sido uma situação muito difícil, em suas cartas, pregações, em sua relação com os demais, Padre Eymard apresenta-se como uma pessoa amável, paterna, materna e misericordiosa, sempre disposto a escutar e a perdoar, inclusive falando bem daqueles que o fizeram sofrer e foram injustos com ele, agradecendo sempre ao bom Deus que lhe permitiu chegar a seu plano de Fundador da Congregação.

Aqueles que se aproximaram dele tinham a clara percepção de estar na presença de um homem consumido pelo amor de Deus, esquecendo-se de si mesmo, benfeitor e misericordioso para com todos.

Exausto e subjugado pelas evidências, foi-lhe prescrito um repouso absoluto. Seu objetivo era ir para o Santuário de Laus, um lugar amado por ele, onde tinha a intenção de descansar, depois de uma visita a sua família. Todavia, seguiu para La Mure onde chegou na tarde do dia 21 de julho, já com sinais de uma paralisia em curso. Estava lúcido, porém mal conseguia falar. Durante os dias seguintes, recebeu em seu quarto muitas visitas que vinham para cumprimentá-lo, pedir sua bênção e orações. Ele, por sua vez, sempre se manteve disposto, paciente, sem demonstrar qualquer gesto de contrariedade.

Chegam também seus irmãos religiosos que, aproximando-se de sua cabeceira e vendo que seu fim está próximo, perguntam se tem algumas orientações que queira transmitir ou alguma mensagem específica. Ele responde: não. A Congregação está nas mãos de Deus, que quis muito essa obra. Talvez seus companheiros não

compreendessem que ele foi uma verdadeira mensagem, o símbolo e a memória vivente de uma vida autenticamente eucarística. O povo simples de La Mure o compreendeu. Após sua morte, diziam: “o santo morreu”. Reconheceram nele a transformação que o tornou a “memória vivente de Cristo”.

A vida de Padre Eymard foi marcada por um grande dom: "A maior graça de minha vida foi uma fé viva no Santíssimo Sacramento desde criança" (NR 45.3). Esse dom se converteu em uma missão que hoje ele confia a cada um de nós, para que todos possam conhecer o maior dom que Cristo nos deixou: a Eucaristia.

Com a Sagrada Eucaristia, é o paraíso. Sem ela, é o inferno.

Com a Sagrada Eucaristia, tudo é doce e fácil. Sem ela, tudo é amargo e intolerável.

Com a Sagrada Eucaristia, a vida é amável. Sem ela, é insuportável. É preferível a morte.

Foi desse centro de amor que Jesus falou quando disse: “Aquele que come minha carne e bebe meu sangue, permanece em mim e eu nele” [Jo 6.56].

Permanecei em mim e eu permanecerei em vós [Jo 15.4]. Permanecei em meu amor [Jo 15.9].

São Paulo vivia essa espiritualidade: “Não sou mais eu que vivo, é Cristo que vive em mim” [Fil 1:21].

(Retiro sobre a Vocação eucarística, PR 149,13)

P. Fiorenzo Salvi, SSS

Chicago, Illinois (EUA), 12 de junho de 2017

ORAÇÕES EM PREPARAÇÃO AO III CAPÍTULO PROVINCIAL DA PROVÍNCIA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

ORAÇÃO CAPITULAR

Ó Deus, vós que nos chamastes ao discipulado eucarístico,
iluminai os capitulares em seu discernimento,
e realizai em nós o *Dom de si* vivido por Pe. Eymard,
a fim de que Cristo viva em nós.
Por Cristo, nosso Senhor. Amém!

ORAÇÕES PARA O OFÍCIO DA MANHÃ E DA TARDE

Segunda-feira:

Senhor, vós que tudo criastes com vosso poder e tudo conservais com a vossa providência,
- fazei que o Capítulo Provincial seja um momento forte de renovação espiritual e pastoral de toda a nossa Província.

Terça-feira:

Senhor que vos entregastes a nós com o dom da vossa Páscoa na Eucaristia,
- concedei-nos unir-nos a vós a exemplo de Santo Eymard.

Quarta-feira:

Senhor, vós que enviastes os apóstolos para anunciar o vosso Reino,
- ajudai a família eymardiana a realizar sua missão eucarística na Igreja e no mundo.

Quinta-feira:

Senhor que nos ensinais a viver o que rezamos,
- fazei que sejamos sementes do vosso Reino em nossas comunidades sacramentinas.

Sexta-feira:

Senhor, vós que nos guiastes com as luzes do vosso Espírito,
- iluminai-nos para que realizemos os projetos capitulares e colaboremos na construção de uma vida mais eucarística.